

PUREZA — ROMANCE DE JOSÉ LINS DO REGO

por AFONSO RIBEIRO

No actual panorama literário brasileiro, vasto, opulento e original—talvez único—José Lins do Rego ocupa um dos primeiros postos. Romancista innato, digamos, suas páginas são assim a modos de águas muito claras, águas correntes mas profundas onde se reflectem paisagens soaveiras, engenhos em plena labuta, noites cheias de luar e do silêncio sem nome, imenso, à borda das florestas; corpos dobrados sobre a terra, à canícula, pingando suor—e almas desoladas vivendo o fracasso das suas ilusões, senão acalentando seus ideais ao fogo do sentimento, e, mais que do sentimento, da razão. E' o que se pode chamar um ficcionista humano. Ao lado disto um poder maravilhoso de contar, tão grande, que chega a dar a sensação—sensação falsa, quem o não compreende?—de que as suas obras surgem sem esforço de qualquer natureza, fora e para além de toda a disciplina ordenadora consciente, de todas as lutas das ideias e das paixões.

Possuidor assim do mais alto e difícil dom dos romancistas, o estilo de José Lins tem a naturalidade viva do sangue em movimento, a sobriedade calma duma arte consumada e, ao mesmo tempo e na mesma percentagem, a elasticidade poderosa do aço e dos músculos afeitos à marcha. Allada a essas faculdades, uma outra também rara e indispensável para que as criações dum escritor—escritor como sinónimo de romancista—resultem pecas unas, transparentes e sólidas: o sentido do essencial. De sorte que as personagens nos livros de José Lins vivem a sua vida com naturalidade, melhor, com liberdade, à margem de artificios e influências estranhas, embora todas elas frementes da vitalidade criadora do autor.

//

Pureza, o último romance de José Lins do Rego, dá bem a medida—talvez melhor do que nenhum dos anteriores—do seu singular temperamento de prosador: másculo, desartificial, quente, magnífico. E o que se dá com seu estilo claro e solto, repete-se no encadeamento da acção. Nada de situações invulgares, nada para além do possível—nada fora da vida.

Lourenço de Melo, sózinho no mundo, rico, debate-se numa incerteza cruel. A mãe morrera tuberculosa, igual doença victimara Guilomar, sua irmã—o pai findara com uma lesão cardíaca. Terá êle, também, os pulmões affectados? Embora garantindo-lhe que não havia razões para temores, o médico aconselha-lhe ares lavados e sécos. E Lourenço parte do Recife, cheio de pavor e esperanças. Vai para Pureza—uma estaçãozinha de caminho de ferro do interior—lugar tranquillo, de bons ares e céu azul. E, depois, o renascimento para a vida. A confiança invadindo-o lentamente, o corpo avigorando-se, as angústias a dispersarem. A' medida, porém, que Lourenço vai entrando em si, que se vai encontrando, uma outra dúvida lhe enche o peito. Com vinte e quatro anos, do amor desconhece tudo. E isto dói-lhe, dói-lhe amargamente, levando-o a ver-se inferior a todo o mundo. Entretanto êle não é um inválido—mas a aproximação duma mulher no momento preciso—confessa—apavorava-me. Todo o meu corpo se retraía e fugia de mim uma coisa essencial, falhava, cobria-me de vergonha.» Poderá êle, um dia, vencer essa fraqueza que o apouca e atormenta? Conseguirá sobrepôr ao fenómeno nervoso os desígnios da sua vontade?

Frente ao chalet que occupa em Pureza fica a estação. Além do chefe e esposa—D. Francisquinha—habitam-na duas raparigas, filhas do casal. Ambas bonitas, enfeitam-se ambas, diariamente, para a passagem dos comboios de passageiros—um às nove da manhã, outro à tarde, às duas. Lourenço, de sua casa, cumprimenta-as. Elas sorriem. Margarida, a mais velha, é branca e loira.

Os sonhos de Lourenço, últimamente, eram povoados de imagens de mulheres—«criaturas admiráveis» que êle beijava vorazmente, todo aceso em desejos. Mas um dia, antes do café, vê da janela, em baixo, no rio, Margarida banhar-se toda branca e nua. Seu sangue ferve e desde logo seus impetos carnaes deixam de vogar sem norte, ao sabor da fantasia.

Durante um mês seus sentidos vibram. Ama com largueza. Plenamente. Mas o coração está vazio. Compreen-

de-o. Sente-o. Aquele amor, contudo, escraviza-o. E não tem forças para o alijar. Por fim Maria Paula, a outra filha de D. Francisquinha, começa a viver para o seu desejo. «Era outra coisa que não era Margarida. Os olhos pretos viviam molhados de uma volúpia imensa». Aquele novo amor ocupa-o todo. Não há mais saciedade. «Deixava Margarida com vontade de que ella não voltasse. E vinha de Maria Paula com sede e fome».

Ainda que já ambas iniciadas no amor antes de as conhecer, intimamente acha-se réu, reprova-se. «Abria entre as duas irmãs uma inimizade invencível. Preocupava-me essa história, como um caso de consciência. Era uma indignidade, um gesto de canalha. Embora ambas as irmãs fossem do mundo, tivessem deixado por outras terras os seus casos. Agora porém eram minhas. Um bigamo, sem ao menos correr os perigos, sem desafiar os castigos da lei. Um bigamo que se aproveitava da miséria de António Cavalcanti, da bondade de D. Francisquinha, da ausência de homens em Pureza. As duas correriam para o braço do primeiro que apparecesse ali. Apenas eu me servira da posição privilegiada de rico. A Margarida estava devendo a vida, podia dizer sem exagero. O que adquirira dela valia por um mundo. E agora Maria Paula.»

Mas Margarida parte, e o seu amor salvo daquela acuação muda, expande-se livremente, sobe mais alto que nunca. Pensa que a poderá levar quando partir de Pureza. E' só, ninguém haverá que se atreva a censurá-lo. «Viveriam muito bem». E talvez um filho viesse a continuar a sua existência. Esta ideia vaga desenvolve-se, arrega-se-lhe na alma—sobretudo depois que Maria Paula, para satisfazer a mãe, acede a casar com Bembem, o agulheiro. Enfim, estava decidido, levaria Maria Paula consigo. Havia a família dela, mais que nenhum o pai, com uma vida toda cheia de fraquezas, de vergonhas. Era o mesmo, estava resolvido—levava-o. E à pressa, faz as malas. Partiriam no comboio das duas. Depois de repente, a visita de Chico Bembem, a «chorar como menino» e a pedir:—«Doutor, não leve a moça». E o seu sonho

desaba. «Tive medo de chorar com êle, pobre homem que se arrasara, que se rebaixara pelo amor, que se degradara daquelle jeito pelo amor. E eu causara tudo. Era autor da sua desgraça. Afastel-me para que êle não visse que os meus olhos estavam cheios de lágrimas».

...E, sem Maria Paula, no combóio das duas, abandona Pureza.

Da primeira à derradeira fôlha a obra desenvolve-se em linha recta, sem um desfalecimento, a infima quebra. Lidas algumas páginas, um autor acode logo à memória: Stefan Zweig. A mesma maneira estupenda de contar, a mesma simplicidade de processos, a mesma illusória ausência de esforço—apenas o ritmo no criador de Banguê um tudo nada mais lento.

Transpostas da vida, todas repletas de individualidade, como se cada uma fosse o desdobramento do romancista, as figuras estão commoço, vivem a nosso lado—são seres presentes.

Quantos irmãos de Lourenço nós não conhecemos por aí, peados por uma educação defeituosa, inseguros de si, tímidos, achando-se aos poucos? E aquella velha negra, meia escrava, meia senhora, com seu sentimento profundo de maternidade? De resto todos os personagens, desenhados com garra, revelam realismo. E, quer seja Maria Paula ou Margarida, António Cavalcanti ou o cego Ladislau, D. Francisquinha ou Chico Bembem, a vida flui de todos, e todos se recortam com exactidão igual ante o nosso espirito.

Para lá, porém, do acontecer, dos tipos pincelados com mestria, da paisagem e de tudo que é exterior—Pureza marca o seu lugar de relêvo como retrato intimo, perfelto, dum homem que por entre as suas hesitações e as suas angústias mostra a alma a nú.

Publicações

Recebemos os n.º 18-19 do *Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro*, que vem recheado de boa colaboração, afirmando-se um esplendido repositório de cultura.